

01-0304/1997

14

36



Câmara Municipal de São Paulo

SEÇÃO DO PROTOCOLO LEGISLATIVO - ATM

CAMARA MUNICIPAL DE SAO PAULO
ASSESSORIA TECNICA DA MESA - A.T.M.
SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO

PROJETO DE LEI

: 01-0304/1997 DE 1997

MATERIA LEGISLATIVA: PL

01-0304/1997 DE 15/04/97

PROMOVENTE: VEREADOR
VEREADOR

EDIVALDO ESTIMA
VICENTE VISCOME

EMENTA:

Confere a EMPG do Jd. Guanabara a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau Professor Florestan Fernandes, e da outras providencias.

OBSERVAÇÕES:

Lei 12.409/97

CNC Solutions
Tipo: Processo Legislativo
27/10/2010 14:26:36

00000015012-67



ARQUIVADO EM 10/8/97

REGINA APARECIDA BARRA
CHEFE DE SESSÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

LIDO HOJE

ÀS COMISSÕES DE:

15 ABR 1997

CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA
EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE
FINANÇAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE

PROJETO DE LEI Nº

01 - PL

01-0304/1997

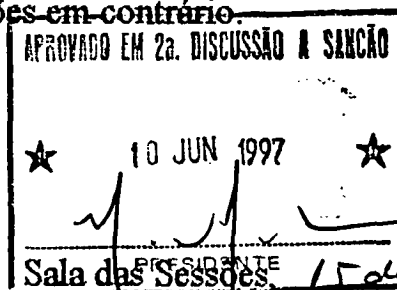
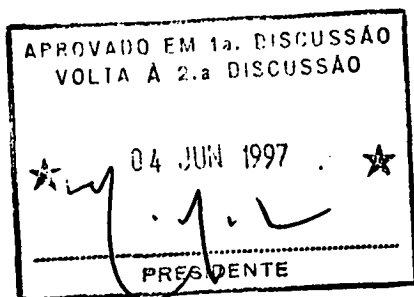
Confere à EMPG do Jardim Guanabara a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau "Professor Florestan Fernandes".

A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO decreta:

Art. 1º - A EMPG do Jardim Guanabara, subordinada à DREM 6, situada na Av. Marguerite Long, s/nº, passa a ter a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau "Florestan Fernandes"

Art. 2º - As despesas decorrentes da execução da presente lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.



Edivaldo ESTIMA
Vereador

Vicente Viscome
Vereador

SEÇÃO

115 ABR 1997

218

226

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SECRETARIA

RECEBUEMOS DO SENHOR
DEPUTADO
O DOCUMENTO N.º 25
DE 18/04/74

DEPUTADO MUNICIPAL

DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
O SENHOR DEPUTADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

DEPUTADO MUNICIPAL

DEPUTADO MUNICIPAL

DEPUTADO MUNICIPAL

DEPUTADO MUNICIPAL

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SEGUE(M) juntado(s) nesta data documento(s) rubri-
cado(s) sob n.º 25 e folha de informação sob
n.º 25 / 18 / 04 / 74

Folha nº 02 de proc.
nº 364 de 1992

JUSTIFICATIVA

O projeto de lei visa dar à Escola Municipal de Primeiro Grau no Jardim Guanabara, a denominação de Escola Municipal de Primeiro Grau Professor "FLORESTAN FERNANDES".

A escolha do patrono foi de iniciativa da comunidade local, em reunião do Conselho de Escola onde participaram representantes de todos os segmentos, que se mobilizaram para colher assinaturas, numa manifestação de carinho e devoção a este educador, visando o registro de seu nome e perpetuando para sempre junto aos educandos de hoje e futuras gerações, buscando para tanto a autorização da família do indicado. (docs, anexos / Bibliografia de Professor Florestan Fernandes, Carta de Autorização da Família, Ata da Reunião do Conselho, Abaixo-assinado e Certidão de Óbito.

Florestan Fernandes nasceu em 22 de julho de 1920 e faleceu em 10 de agosto de 1995, nesta capital.

Sociólogo, professor da USP, pesquisador, deputado federal, falar de Florestan Fernandes não é tarefa fácil, o material é farto e volumoso, sua produção acadêmica e científica e suas memoráveis lutas políticas, falam por si e tudo o que se possa escrever e enaltecer seu trabalho e sua pessoa dificilmente terá o brilhantismo do homenageado tornando-se um verdadeiro desafio.

Considerado um dos mais respeitáveis intelectuais brasileiros, sempre bradou por uma política educacional que atendesse aos interesses dos mais necessitados, priorizando o ensino gratuito e de qualidade em todos os ramos do saber, à pesquisa científica aplicada e à invenção tecnológica original, suas idéias de uma sociedade mais justa, custaram-lhe a liberdade, tendo sido preso em 1964, posteriormente foi morar no Canadá, lá permanecendo em 1969 e 1970.

Segundo ele, a autonomia da produção do saber e do pensamento inventivo representam os alvos essenciais de uma Nação que pretenda crescer e diferenciar-se através do capitalismo.

Tinha seu lar como uma "redoma de ouro", talvez por isso mesmo, não tivesse o hábito de falar de sua vida pessoal, para mante-la intacta, incólume, pois era lá que o homem, o pai de Myrian Lúcia, Sílvia, Beatriz, Noêmia, Heloisa e Florestan Júnior e marido de Dona Myrian se abrigava das agruras e decepções, em cujo refúgio recebia o apoio, amor e afeto que davam sustentação ao intelectual e político.

Para ele, "tudo na vida é sério, mas nada é definitivo".

Segue abaixo algumas das obras de sua extensa relação:

A organização social dos Tupinambá, São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1949; 2ª edição, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

Folha nº 03 do proc
nº 304 de 19 97

A função social da guerra na sociedade tupinambá.

São Paulo, Museu Paulista, 1952; 2ª edição, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

A etnologia e a sociedade no Brasil. Ensaio sobre aspectos da formação e desenvolvimento das ciências no Brasil. São Paulo, Editora Anhembi, 1958.

Negros e brancos em São Paulo. em colaboração com Roger Bastide, Edição Independente, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959; 3ª edição, 1971. Publicação prévia, Revista Anhembi, 1953; edição original, com outros trabalhos de vários autores, São Paulo, Editora, Anhembi 1955.

Mudanças sociais no Brasil. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960; 2ª edição, refundida com um ensaio global introdutório, 1974; 3ª edição, 1979.

Ensaio de sociologia geral e aplicada. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1960; 2ª edição, 1971; 3ª edição, 1976.

Folclore e mudança social na cidade de São Paulo.

São Paulo, Editora Anhembi, 1961; 2ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1979.

A sociologia numa era de revolução social. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1962; 2ª edição reorganizada e ampliada, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1964; 2ª edição, em dois volumes, São Paulo, Editora Dominus, Editora da Universidade de São Paulo, 1965; 3ª edição, em dois volumes Editora Ática, 1978.

Educação e sociedade no Brasil. São Paulo, Editora Dominus, Editora da Universidade de São Paulo, 1966.

Fundamentos empíricos da explicação sociológica.

São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967; 2ª edição, 1967, reimpressão, 1972; 3ª edição, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978; 4ª edição, T.A. Queiroz, Editor, 1980.

Sociedade de classes e subdesenvolvimento, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968; 2ª edição, 1975; 4ª edição, 1981.

The Latin American in residence lectures. Toronto, University of Toronto, 1969/1970.

Elementos de sociologia teórica. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1970; 2ª edição, 1974.

O negro no mundo dos brancos. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.

Comunidade e sociedade no Brasil (organizador). Leituras Básicas de Introdução ao Estudo Macro-Sociológico do Brasil. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972; 2ª edição, 1975.

Folha n.º	04	de proc.
n.º	304	da 19 97

Comunidade e sociedade (organizador). Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1973.

Comunidade e sociedade (organizador). Tomos ainda inéditos.

Las clases sociales en América Latina (em co-autoria com N. Poulantzas e A. Touraine). México, Siglo Veintiuno Editores, UNAM, 1973; publicado no Brasil como **As classes sociais na América Latina**, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.

Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973; 2º edição, 1975; 3º edição, 1981.

A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios. Petrópolis, Editora Vozes, 1975.

A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975; 2º edição, 1976; 3º edição, 1981.

A universidade brasileira: reforma ou revolução? São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1975; 2º edição, 1979.

Circuito fechado. Quatro Ensaio Sobre o "poder institucional". São Paulo, Editora Hucitec, 1976; 2º edição, 1977.

A sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis, Editora Vozes, 1977; 2º edição, 1980.

A condição de sociólogo. São Paulo, Editora Hucitec, 1978.

O folclore em questão. São Paulo, Editora Hucitec, 1978.

Brasil: em compasso de espera. São Paulo, Editora Hucitec, 1980.

A natureza sociológica da sociologia. São Paulo, Editora Ática 1980.

Movimento socialista e partidos políticos. São Paulo, Editora Hucitec, 1980.

Que tipo de República? São Paulo, Brasiliense, 1986 (três edições).

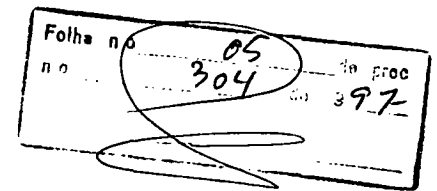
Nova República? Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora. 1986 (três edições).

O processo constituinte. Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação. 1988

A Constituição inacabada, vias históricas e significado. São Paulo, Estação Liberdade Editora, 1989.

O desafio educacional. São Paulo, Cortez Editora, 1989.

O significado do protesto negro. São Paulo, Cortez Editora, 1989.



A transição prolongada. São Paulo, Cortez Editora, 1990.

As lições da eleição. Brasília, Câmara dos Deputados, CDI, 1990.

Depoimento, in **Memória viva da educação brasileira.** 1, Brasília, INEP, 1991.

Parlamentarismo: contexto e perspectivas, Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1992.

Democracia e desenvolvimento - A transformação da periferia e o capitalismo monopolista da era atual. São Paulo, Editora Hucitecc, 1994.

Consciência negra e transformação da realidade.
Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1994.

Tensões na educação. Salvador, Sarah Letras, 1995.

Brasil 1986/1994: atraso e modernidade. Salvador, Sarah Letras (em organização).

A Contestação Necessária, S. Paulo, Ed. Ática (no prelo).

Traduções publicadas no exterior

La guerre et le sacrifice humain chez les Tupinambá. Tradução de Suzanne Lussagnet. Publicado e editado em separata por **Journal le La Société des Americanistes.** Paris, Musée de L' Homme, 1952.

Fundamentos empiricos da explicação sociológica.
México, UNAM, sd (em espanhol).

The Negro in Brazilian society. Tradução de Jacqueline D. Skiles, A. Brunel e Arthur Rothwell, editado por Phyllis B. Eveleth, New York /London, Columbia University Press, 1969 e, como brochura, Atheneum, New York, 1971.

Die Integration des Negers in die Klassengesellschaft. Vol. 1, Verlag Gehlen, Bad Homburg v. d. H., Berlin/Zurich, 1969 (tradução do dr. Eugen Grabvener); vol. 2, Wilhelm Fink Verlag, Munchen, 1977 (tradução de Angela Dulle).

La revolución burguesa en Brasil. Tradução de Eduardo Molina. México, Siglo Veintiuno Editores, 1978.

Reflections on the Brazilian counter-revolution. Organizado com introdução de Warren Dean. Armonk, New York, M.E.Sharpe, Inc., 1981.

Pelo exposto, julgamos conveniente e oportuno o presente projeto, somando-se às justas homenagens que estão ocorrendo em todo o país, requeiro a aprovação dos nobres Edis para esta iniciativa.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL MINISTÉRIO DA SAÚDE		DECLARAÇÃO DE ÓBITO Nº 0925409	
UF: SP		CARTÓRIO DE	
1ª VIA - ESTATÍSTICA DE SAÚDE		Nº DO REGISTRO:	
DATA DO REGISTRO:		DATA DO ÓBITO:	
1. TIPO DE ÓBITO ☒ 1 - FETAL ☐ 2 - NÃO FETAL		2. NOME FLORESTAN FERNANDES	
3. ESTADO CIVIL ☐ 1 - SOLTEIRO ☒ 2 - CASADO ☐ 3 - VIÚVO ☐ 4 - DEP. JUR.		4. DATA NASC. 22 07 20 75	
5. LOCAL DE OCORRÊNCIA ☒ 1 - HOSPITAL ☐ 2 - EM CASA ☐ 3 - OUTRO		6. CIDADE São Paulo	
7. RESIDÊNCIA HABITUAL Rua Manoel da Nobrega, 395-Apto. 102		8. MUNICÍPIO São Paulo	
9. OCUPAÇÃO HABITUAL DO FALECIDO Sociólogo		10. GRAU DE INSTRUÇÃO ☒ 1 - SEM ☐ 2 - 1ª ☐ 3 - 2ª ☐ 4 - 3ª	
11. NOME DO PAI Ignorado		12. NOME DA MÃE Maria Fernandes	
13. NOME DO FILHO Carlos Del Monte		14. DATA DO PARTO 22 07 20 75	
15. CAUSA DA MORTE EMBOLIA GASOSA		16. GRAU DE INSTRUÇÃO ☒ 1 - SEM ☐ 2 - 1ª ☐ 3 - 2ª ☐ 4 - 3ª	
17. LOCAL DO ÓBITO São Paulo		18. GRAU DE INSTRUÇÃO ☒ 1 - SEM ☐ 2 - 1ª ☐ 3 - 2ª ☐ 4 - 3ª	
19. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		20. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
21. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		22. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
23. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		24. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
25. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		26. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
27. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		28. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
29. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		30. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
31. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		32. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
33. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		34. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
35. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		36. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
37. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		38. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
39. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		40. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
41. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		42. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
43. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		44. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
45. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		46. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
47. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		48. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
49. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		50. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
51. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		52. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
53. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		54. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
55. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		56. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
57. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		58. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
59. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		60. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
61. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		62. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
63. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		64. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
65. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		66. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
67. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		68. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
69. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		70. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
71. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		72. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
73. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		74. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
75. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		76. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
77. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		78. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
79. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		80. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
81. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		82. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
83. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		84. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
85. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		86. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
87. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		88. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
89. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		90. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
91. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		92. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
93. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		94. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
95. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		96. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
97. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		98. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	
99. NOME DO DELEGADO Carlos Del Monte		100. DATA DO ÓBITO 22 07 20 75	



Folha n.º	07	da proc.
n.º	304	de 1997

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
EMPG "JARDIM GUANABARA"
Av. Marguerite Long, s/nº - Jd. Guanabara - São Paulo - S.P.
Fone: 520-2400

São Paulo, 25 de fevereiro de 1997.

Ofício nº 002/97

Ao

Sr. Vereador Estima

ASSUNTO: Nome definitivo para EMPG "JARDIM GUANABARA"

Sr. Vereador

Conforme reunião do Conselho de Escola, realizada no dia 17 de dezembro de 1996; representantes de alunos, pais e professores aprovaram por unanimidade homenager como patrono desta unidade escolar o sociólogo *Florestan Fernandes*.

Solicitamos de V. Sa. que encaminhe para Câmara Municipal nossa proposta referente ao nome definitivo da EMPG JARDIM GUANABARA para Escola Municipal de Primeiro Grau Prof. "FLORESTAN FERNANDES".

Informamos que consta um Projeto de Lei nº 01-0781/96 do Vereador Vicente Viscome, publicado no D.O.M. 05/12/96, página 31, que denomina esta unidade como Escola Municipal de Primeiro Grau " José da Costa". Esclarecemos que o nome indicado é desconhecido pela nossa comunidade, pais e professores.

Ressaltamos a importância do encaminhamento deste com a máxima urgência para que a escola possa regularizar sua situação.

Na certeza da vossa colaboração em atender os anseios desta unidade, agradecemos desde já.

Cordialmente

GILDO DA SILVA PRADO
RF: 578 290.2 01
RG: 15.528-274
Diretor de Escola

Anexo: Bibliografia de Florestan Fernandes, Carta de Autorização da Família, Xerox da Ata da Reunião do Conselho de Escola e Abaixo-Assinado.

Folha n.º	08	de proc.
n.º	704	de 1997

São Paulo, 21 de fevereiro de 1997

Ao Senhor, Gildo da Silva Prado
Diretor da Escola Municipal Jardim Guanabara

É com muita honra e alegria para mim e minha família saber que meu pai, Florestan Fernandes foi o escolhido para dar nome a essa escola que educa jovens da periferia de São Paulo. Portanto, fica desde já registrada aqui nossa autorização para a utilização do nome do professor Florestan para este fim.

Sem mais, me coloco a disposição da diretoria desta escola para auxiliar no que for necessário.

Cordialmente, saudações sinceras


Florestan Fernandes Júnior

Antonio Luiz de Lima,  

Folha no.	09
no.	2306
1097	11

Aluísio de Souza Santos Vinícius C. Klein

Ato de Reunião Extraordinária do Conselho da Escola da C.M.F.
Jardim Guanabara, aos dezesseis dias do mês de dezembro de mil
novecentos e noventa e seis, realizou-se reunião do Conselho da
Escola na sala de leitura da C.M.P. Jardim Guanabara, com
convocação às 10:00 hs e em 2ª convocação às 10:30, que tratou
do seguinte assunto: Eleição para o cargo de Inspector de Alunos
na C.M.P. Jardim Guanabara, cujo Edital nº 55/P/88-96, que trata sobre a
nominação da primeira turma de alunos para ocupar
o cargo de Inspector de Alunos na C.M.P. Jardim Guanabara,
os membros do Conselho aprovaram por unanimidade a
nomeação do cargo de Inspector de Alunos em nome do
Sr. Leônidas Teófilo de Lima. Nada mais havendo a
discutir, lavrou-se presente ata, que vai por meio assinada e
depois presentes: [Assinaturas] - Antônio Cruz de Silva
[Assinatura] - Manoel da Costa Gomes [Assinatura] - [Assinatura]
[Assinatura] - João Pereira - [Assinatura]

Ata de Reunião Extraordinária do Conselho de Escola -
"Enfª Gardina Guanabara". Aos dezesseis dias do mês de de-
zembro de 1966, às 14h - mercenários e mercenários e, por, realizou-se reunião
do Conselho de Escola, na sala de Lábore da Enfª Gardina
Guanabara, com a participação dos 10 membros e com 3ª Presidência
do 1º 3º, que tinham como assuntos: a) Reforço
do cargo de Diretora da Escola de Escola em nome
de Jéssine Leite Santos, b) sugestões para indicação de
um nome de alguma personalidade importante para
o patenário da escola. Num primeiro momento o Con-
selho decidiu por unanimidade o segundo da Direção
de Direção de Escola Jéssine Leite Santos RF 540 515.4.01
Num segundo momento foi solicitado pelo Diretor da

Escola Superior. quanto ao nome de um patrono
para a escola. O conselho aprovou por unanimidade
homenagear como patrono da escola o "Sociedade
Dionísio Fernandes". Nada mais havendo a tratar
tome a presente ata que vai assinada por mim
e demais presentes. CPK - 1 de 11/11/1914
Mariano de Faria, Director, Jorge Loureiro e Almeida - Sec.
Antonio Augusto Silva, (Vice) - 33-10-14, Ilmo. C. Pereira
Silva Sec. 1.º. N.º

PARA SAUDAR UM GRANDE HOMEM

Daniel Ruiz Garcia

No dia 23 de junho de 1994 a Reitoria da Universidade de São Paulo promoveu no Centro Cultural da Rua Maria Antônia uma sessão de homenagem a Florestan Fernandes, com diversos pronunciamentos. A pedido do professor Flávio Fava de Moraes eu o saudei em nome da universidade com um discurso que ficou inédito e que vai transcrito abaixo."

Antonio Landi Jr.



m Florestan Fernandes - meu fraternal companheiro e amigo há cinquenta anos - se juntam o estudioso de saber profundo e sólido, o professor rigoroso, o formador de equipes notáveis que abre trilhas novas à investigação, o autor de obras cuja importância é decisiva no campo das ciências sociais, o cidadão empenhado em tarefas essenciais do seu tempo e o militante político consciente do dever de lutar para a transformação das bases desta sociedade iníqua, na qual vivemos ao ritmo de umas desigualdades econômicas mais revoltantes do mundo.

Além disso, é preciso destacar as qualidades humanas que fazem dele um exemplo e lhe permitiram construir uma carreira excepcional a partir das condições mais adversas que se possa imaginar. Homem de luta e homem de ideal, Florestan Fernandes enfrentou desde menino a adversidade, com uma bra-

vura e uma eficiência difíceis de encontrar na biografia dos homens eminentes da cultura. Na base, esteve sempre, sem dúvida, o destemor, a invariável coragem física, moral e mental com que empunhou a vida e abriu o seu caminho. Inclusive demonstrando a rara capacidade de criar o escândalo necessário e salutar, passando por cima do temível respeito humano, quando se trata de afirmar o que é justo e verdadeiro. Pesando bem as palavras, digo que em Florestan Fernandes estão presentes os traços que caracterizam os grandes homens. Por isso, costumo dizer que ele é, a meu ver, o único de nossa geração a quem cabe com justeza este qualificativo.

Portanto, não é de espantar que tenha feito uma carreira universitária exemplar sob todos os pontos de vista, o que tornou mais odioso o ato que o separou do corpo docente de nossa faculdade. Como estudioso, professor, investigador e autor ele reúne qualidades

raramente existentes em conjunto. Dotado de uma poderosa capacidade de atenção e concentração, é notável a maestria com que sempre se atirou aos textos, como leitor privilegiado. Foi assim desde estudante, tanto com relação às obras de sua especialidade, quanto a quaisquer outras, de história, literatura ou política. Daí o cabedal enorme que juntou e sempre explorou de maneira penetrante, graças a uma segunda qualidade: o poder de penetração analítica, que lhe permite chegar ao fundo dos problemas. Em terceiro lugar eu mencionaria o dom de correlacionar, que lhe permitiu efetuar sínteses harmoniosas de teorias e pontos de vista nem sempre afins, mas que ele decantou em combinações originais de raro poder explicativo. Penso, por exemplo, em pensadores como Marx, Durkheim e Weber, vistos freqüentemente no que têm de diferente uns dos outros, mas que ele soube passar pela máquina poderosa, seletiva e ao mesmo tempo integradora da sua inteligência, transformando-os em elementos de uma visão compreensiva.

Sobre esta base, que estou simplificando para poder ressaltar as linhas gerais, Florestan Fernandes foi se inclinando cada vez mais na segunda fase da sua carreira para o marxismo, que sempre versara desde moço e do estudo precoce dos escritos de Marx, inclusive a notável análise que escreveu sobre *Crítica da economia política*. Nesta segunda fase surge um marxista aberto e compreensivo, justamente porque despi-do de sectarismo teórico e embebido de sugestões oriundas de outras fontes. Como Caio Prado Júnior, mas com maior amplitude de propósitos, ele forjou um instrumento analítico e interpretativo de corte marxista, capaz de abolir qualquer imposição dogmática e de se abrir para as lições da realidade objetivamente observada.

Ao lado dessa rotação teórica, convém assinalar uma rotação paralela no domínio dos temas de investigação. Na fase inicial, Florestan Fernandes se tornou famoso, aqui e no exterior, devido sobretudo aos trabalhos admiráveis de reconstrução histórica e análise etnológica sobre a organização social dos Tupinambá. Os documentos restantes sobre esses índios de tanta importância na história do Brasil eram conhecidos e explorados, mas considerados insuficientes para se conhecer a sua organização. Daí os numerosos estudos parciais sobre aspectos de sua cultura, como os de Métraux. É que faltava, aos estudiosos brasileiros e estrangeiros, a força analítica e a imaginação sociológica com que ele operou uma verdadeira quadratura do círculo, produzindo aos 27 anos o livro inovador e cientificamente revolucionário, cujo título era para os especialistas uma verdadeira provocação intelectual: *A organização social dos Tupinambá*. A estes dedicou outra obra fundamental sobre a função social da guerra e tirou-se consequências teóricas num terceiro trabalho, explorando a fundo as possibilidades proporcionadas pelo funcionalismo no estudo das fontes.

Simplificando, eu diria que a partir daí, isto é, dos anos de 1950, deu-se a rotação dos temas e Florestan Fernandes se empenhou numa realidade dramática do nosso tempo: a situação do negro no Brasil. Associado ao nosso mestre Roger Bastide na pesquisa sobre relações raciais promovida pela Unesco, ele se tornou um dos mais importantes conhecedores e analistas desse gravíssimo problema social e transitou do passado ao coração mais dramático do presente. Assim, o teórico que estava privilegiando cada vez mais a visão marxista se associava ao pesquisador que privilegiava cada vez mais o estudo da situação contemporânea. Estava portanto pronto o terceiro Florestan Fernandes, o da maturidade, a partir dos anos de 1960. Este foi, por exemplo, o da luta pela escola pública, em cuja defesa percorreu o país numa campanha memorável; foi o dos pronunciamentos de corte socialista, que levaram a ditadura a submetê-lo, em 1964, ao inquérito policial-militar e, ante a sua firme reação de inflexibilidade e destemor, a detê-lo num quartel do Exército. O desfecho veio em 1969: a aposentadoria punitiva, que o obrigou a viver alguns anos no exterior.

Na fase mais recente de sua carreira, Florestan Fernandes acentuou a disposição de assumir no âmbito mais largo da sociedade posições regidas pelos pressupostos socialistas, aplicando-se a temas de relevo político na ação e na produção, como é o caso do estudo magistral sobre a República de Cuba ou as análises da realidade política brasileira. Eu costumava dizer que, sem pertencer a nenhum partido, ele se tornou com o tempo uma espécie de partido individual, pois as suas palavras e as suas ações valiam pela de uma agremiação aguerrida e consciente. Sob este aspecto, é preciso dizer que a atitude política foi sempre um baixo-contínuo na sua vida de lutador no campo da educação e da cultura. Mas finalmente ele decidiu adotar um enquadramento partidário e entrou para o Partido dos Trabalhadores, do qual tem sido um dos militantes mais capazes e fecundos, eleito e reeleito deputado federal. Não me cabe assumir a tarefa de outros, falando da sua atuação no Congresso Nacional. Cabe-me apenas dizer que como deputado socialista Florestan Fernandes efetuou um movimento culminante na sua luta, inclusive porque se tornou simultaneamente um dos jornalistas políticos mais eficientes e penetrantes que temos tido, forjando um instrumento ajustado ao combate pela imprensa e se tornando, junto a públicos vastos, intérprete do que se poderia chamar de pensamento socialista cotidiano. Da sala de aula ao grande público, ele modulou em escala cada vez mais ampla a sua atuação de analista da sociedade e de combatente do socialismo.

Antonio Candido de Mello e Souza é professor aposentado de teoria literária e literatura comparada da Universidade de São Paulo.

Folha n.º 12 de proc.
n.º 384 do 19 97

ADEUS

Miriam Limoeiro Cardoso

Florestan morreu. A dor que essa perda causa em nós é imensa e está espalhada em cada canto do país, partilhada por tantos, que se contam aos milhares, não só estudantes, não só operários, não só intelectuais, não só militantes mais e menos revolucionários, não só simples donas-de-casa e homens do povo.

Morte prematura. Nem tivemos a oportunidade de saber se ele resistiria, se sua capacidade de transformar fraqueza em força o faria mais uma vez renascer. Ele que buscou incessantemente a verdade, encontrou a morte num erro, erro que não foi dele. É trágico, revolta, torna ainda mais difícil suportar esse fim.

Seu lugar ficou vazio.

Florestan foi um fazedor de caminhos. Enfrentando toda sorte de dificuldades, abriu caminhos para si mesmo, para a Ciência Social, para a educação pública, para a universidade, para o socialismo.

A adversidade, em vez de o abater, o estimulava. Sabia que era preciso entendê-la para poder vencê-la. Trabalhava o tempo todo, sem trégua, pensando, estudando, pesquisando, para alcançar esse entendimento e oferecê-lo à prática. Quando a ditadura o perseguiu e tentou calar a sua voz, não se calou, respon-

deu com produção ainda maior.

Seu modo de ser, sua reflexão criadora e seu compromisso político se entrecruzam e se integram, fazendo dele um Homem de verdade, raro.

Talvez uma de suas obras mais notáveis tenha sido a vida que soube construir para si próprio e a pessoa que soube tornar-se. Lutou sempre, incansavelmente, obstinadamente às vezes. Lutou contra as condições pesadamente adversas que a situação pessoal e social que herdara lhe impunham. Mas se manteve fiel à sua origem humilde, tomando como dever representar aqueles com os quais ela o identificava, e o fez com vigor e com alegria. Ele os amava. E jamais tomou como seus os valores dominantes que lhe abririam vias mais fáceis para a aceitação e a ascensão social.

Dignidade e integridade o distinguem como pessoa. Era homem de princípios, que o orientavam de fato em todos os planos da sua vida. Homem que não fazia concessões e não se deixava vergar, seja pelo poder, seja por interesses mesquinhos. Sendo ele assim, não é difícil entender por que alguns o temiam ou mesmo não o toleravam, mas também por que tantos o admiravam e o amavam e vão continuar a admirá-lo e a amá-lo.

A preocupação ética o acompanhava também no seu trabalho

intelectual e político. Entendia que ciência e ordem social iníquas são eticamente incompatíveis e, portanto, que a liberdade, a crítica e o compromisso social são condição da atividade intelectual e científica. Conseqüentemente, Florestan Fernandes era muito exigente consigo mesmo. Buscou sempre uma prática intelectual/política que lhe permitisse produzir o máximo de conhecimento rigoroso necessário à transformação da sociedade, conhecimento capaz de oferecer suporte "para abrir ou aprofundar rupturas com a ordem", procurando ampliar tanto quanto possível o alcance desse conhecimento para despertar consciências, no rumo da construção de uma sociedade nova e de homens comprometidos com essa construção.

Florestan Fernandes era socialista. Durante quatro anos de sua juventude, participou do movimento trotskista. Em seguida, admitiu que poderia ser mais útil como intelectual do que na militância direta, mas sem perder de vista o horizonte da luta pelo socialismo. Mais recentemente, retornou à atividade política como tal, exercendo um grande trabalho pedagógico/político através da publicação periódica de seus textos em grandes jornais e se tornando parlamentar pelo Partido dos Trabalhadores, como deputado federal constituinte e

num segundo mandato como deputado federal.

Crítico severo do capitalismo, não acreditava que as injustiças e a opressão geradas pela ordem capitalista pudessem ser equacionadas e resolvidas dentro desta mesma ordem. Foi permanentemente um militante pela liberdade, pela democracia da maioria e pela revolução socialista.

Florestan amou sobretudo a liberdade. Num mundo tão opressor e tão indigente de coragem e de lucidez, alguém como ele vai fazer falta, muita falta.

Florestan Fernandes é o nome maior da sociologia no Brasil. Sua produção científica, cujo reconhecimento ainda não alcançou a medida real do seu valor, o coloca entre os grandes da Ciência Social mundial. Ele foi, sim, um formador, um mestre, mas foi, acima de tudo, um cientista, um grande cientista.

Na universidade, não se contentou com abrir espaço apenas para a sua própria afirmação profissional. Dedicou-se a formar pessoas, educando-as para a tarefa científica, inculcando-lhes a necessidade da formação em profundidade, do rigor e da disciplina para a investigação científica sistemática. Incentivador do trabalho coletivo, não exigia, porém, identidades, mas reconhecia e aceitava de bom grado as diferenças. Seu intuito era constituir equipes de trabalho capazes de produção autônoma e de alto nível, para o que oferecia os maiores estímulos de que pudesse dispor.

A sua atividade formadora, no entanto, foi ainda mais ampla. Foi um ardoroso defensor da educação pública e gratuita no Brasil, tendo participado ativamente das lutas desta causa, seja na Campanha de Defesa da Escola Pública, seja na elaboração da Constituição de 1988 ou nos encaminhamentos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ainda não concluída. E foi

um construtor de espaços institucionais para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino das Ciências Sociais. Sua contribuição para a construção da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo foi, neste sentido, enorme e ímpar. Dela se afastou quando foi compulsoriamente "aposentado" pelo AI-5 em abril de 1969 e, anos mais tarde, por decisão própria, ao reconhecer os limites institucionais e o isolamento cultural da universidade.

Florestan Fernandes foi um fundador de ciência. Ele sabia que estava implantando a sociologia e a investigação sociológica científica em nosso meio. Mas seu trabalho na área da ciência produziu frutos ainda maiores e mais belos. Seu esforço intelectual concretizou-se numa obra que não é somente vasta, mas é de ponta e, acima de tudo, é definidora de uma problemática nova, a partir da qual e dentro da qual se passou a pensar o Brasil e o capitalismo dependente. Ele é o autor, na ciência, de um universo de problemas original e secundário. Não mais as origens, as três raças e a miscigenação, conforme um viajante de outrora, que havia recomendado como se devia estudar a história do país. Não mais a tentativa de marcação de traços psicológicos trazidos para o campo social. Mas sim uma problematização sociológica, ao nível macro-histórico e estrutural, das questões vivas e candentes da sociedade, na época. E mais, tais questões problematizadas com rigor conceitual e com tratamento analítico compatível com a teorização explicativa que se espera de procedimentos científicos. Deve-se acrescentar que isso tudo ele fez mantendo uma grande coerência interna, coerência que deriva da perspectiva sob a qual ele trabalhou desde sempre, a ótica dos dominados e dos excluídos, do ponto de vista da transformação social.

Folha n.º 13 do proc.
n.º 304 Outubro 1997

Quando a sociologia no Brasil se desloca deste para outros universos de problemas, faz uma opção, a qual se afirma negando — e, se possível, esquecendo e fazendo esquecer — a problemática florestaniana e toda a sua coerência teórica, metodológica e política, o que seguramente não deixa de ter nítido significado teórico, metodológico e político.

A problemática constituída por Florestan Fernandes não se esgotou. Não somente porque é parte de uma obra científica de valor, que, como tal, é perene, mas porque permite pensar secundamente, entender e explicar a sociedade viva e em movimento da qual fazemos parte. Essa problemática não é, portanto, um arcaísmo, ela não é apenas coisa do passado. As formas, os conflitos e as lutas presentes se esclarecem quando colocados sob a sua reflexão e a sua luz. Trabalhando com essa problemática, fica fácil perceber, nela e com ela, que Florestan está vivo!

Devemos, portanto, falar de Florestan Fernandes no presente. Sua obra está inscrita definitivamente na construção da Ciência Social. Seu modo de ser está marcado naqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele, naqueles que ouviram a sua voz ou acompanharam os seus gestos e os seus sonhos, e permanecerá como exemplo de uma vida toda vivida no mais alto nível de integridade pessoal, intelectual e política.

E, como ele costumava dizer ultimamente, enfrentando sempre tão digna e corajosamente a doença e seus continuados e atroz sofrimentos: É preciso ter paciência! E continuar lutando!

Miriam Limoeiro Cardoso é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais. Atualmente desenvolve a pesquisa "Para uma história do socialismo no Brasil: a obra de Florestan Fernandes".

CONFLUÊNCIAS E CONTRAÇÕES DA CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA

Jacob Gorender



Atividade de Florestan Fernandes como sociólogo - desenvolvida nas funções de professor, teórico e pesquisador - ficou marcada pela polarização entre as atrações do marxismo, enquanto doutrina da militância revolucionária, e a sociologia, enquanto disciplina acadêmica.

Conforme afirmou em várias entrevistas, a origem social o levou, em sua juventude, a sentir a forte atração do marxismo, com a conseqüente atuação num grupo trotskista clandestino, sob cuja orientação se dedicou à luta democrática contra o Estado Novo. Essa atração do marxismo não se esgotou com a juventude, como acontece com tantos intelectuais. Ela se exerceria por toda a vida, até o último minuto.

Se o marxismo representou escolha iniciante, a sociologia veio como vocação acadêmica, como eleição de carreira científica.

Florestan se empenhou na tarefa de colocar a atividade sociológica universitária sobre bases teóricas o mais possível coerentes. Decerto, não se encontrava solitário em semelhante empenho, uma vez que a ele se entregaram tantos dos grandes nomes da sociologia no exterior e também no Brasil. Mas ao sociólogo paulista cabe o mérito inegável de haver dado a contribuição principal à edificação conceitual e metodológica da disciplina em nosso país. Contribuição tão notável que ultrapassa o âmbito nacional e se integra no acervo internacional da sociologia.

A questão sempre presente em sua obra - seja nos livros de conceituação metodológica, seja nas pesquisas concretas - é a de como a sociologia pode e deve ser uma ciência, capaz de satisfazer às exigências categóricas impostas a toda ciência. Mas tam-

bém sempre presente esteve a atração original do marxismo. Tal polarização poderia conduzir a incongruências e dilacerações esterilizantes. Não foi o caso de Florestan. Dedicou sua enorme capacidade de trabalho ao objetivo de substituir contradições por confluências. Nem sempre o esforço se revelou bem-sucedido. Nem todas as contradições da polarização intelectual puderam ser efetivamente superadas. Mas o resultado de tal esforço é admirável, entre outras muitas razões, precisamente pelo fato de que não apaga os vincos da polarização e de suas contradições intrínsecas.

A questão mencionada inexistia para os marxistas, que identificam o materialismo histórico com a própria sociologia científica. O mais, para esses marxistas, seriam problemas de procedimento na pesquisa empírica, porém nunca questionamentos teóricos. Tal enfoque pôde ser fecundo nos países capitalistas, onde o marxismo por natureza assume uma postura crítica e revolucionária. Se pôde ser fecundo, não o foi, porém, naqueles casos, tão freqüentes, nos quais a paixão dogmática prevaleceu sobre o imperativo da fidelidade aos fatos objetivos. Já na antiga União Soviética e nos demais regimes comunistas do Leste europeu, o marxismo, uma vez convertido em doutrina oficial, ficou impedido da postura crítica e se esterilizou enquanto corpo teórico inspirador da pesquisa sociológica. Ali, simultaneamente, se asfixiou o marxismo e se cortou pela raiz a própria possibilidade de uma sociologia.

A solução escolhida por Florestan consistiu em fazer de Marx um dos três fundadores da sociologia, em companhia de Émile Durkheim e de Max Weber. Assim, no plano da teoria, o materialis-

mo histórico comparece a par com o funcionalismo positivista e com a sociologia compreensiva.

Os três elementos não poderiam fundir-se numa síntese na qual perderiam as identidades originais e dariam lugar a algo com características inteiramente novas. No plano mais rigoroso da teoria, materialismo histórico, sociologia dos tipos ideais e sociologia funcionalista não teriam como ser combinados a fim de engendrar um corpo doutrinário, que, ao mesmo tempo, conservasse e superasse a contribuição de cada uma dessas teorias fundantes.

Foi possível, porém, fazê-las confluir para a constituição compósita de um cânone metodológico. Num obra densa, publicada em 1963, Florestan realizou a façanha de explorar a riqueza canônica das três teorias, de extrair delas o que considerou mais germinativo para a pesquisa das relações sociais e propor uma norma pluralista para a sociologia. Adotada por Florestan e por seus discípulos, a confluência metodológica se comprovou proficiente.

Decerto, a confluência continha dificuldades e mesmo obstáculos insuperáveis, próprios das composições ecléticas. Mas abria espaço para a pesquisa e a explicação sociológica, fornecendo-lhe fundamentos empíricos. Foi esta a base doutrinária em que assentou a escola sociológica paulista, da qual coube a Florestan a liderança indiscutível e respeitada. Sua influência se fez sentir com o mesmo vigor liderante para além do âmbito da sociologia, estendendo-se à antropologia e à historiografia.

Pode-se afirmar que a carreira acadêmica permitiu a Florestan a realização de uma obra de alta significação para a cultura brasileira, com a ressalva por si mesma evidente de que a carreira acadêmica não seria uma condição suficiente. O que houve de importante consistiu em que ela salvou Florestan da submissão ao marxismo dogmático imperante em nosso país, de tal maneira sufocante que se contam pelos dedos de uma só mão os intelectuais comunistas que, durante décadas, conseguiram produzir uma obra relevante. Condição necessária foram também, como não poderia deixar de ser, o talento pessoal e a determinação para um trabalho incansável.

Observe-se que, dez anos depois de Florestan e, ao que tudo indica, sem conhecê-lo, o sociólogo britânico Anthony Giddens levou a termo o mesmo empreendimento de exame das contribuições de Marx, Durkheim e Max Weber à moderna teoria sociológica. Giddens seguiu inspiração própria, que

não cabe aqui avaliar, mas é notável que houvesse percorrido exatamente a mesma trilha seguida pelo colega brasileiro com um decênio de antecedência. O que denota, sem dúvida, a força da percepção intelectual do mestre paulista, bem como sua extraordinária afinação com a contemporaneidade.

Contudo, o marxismo não foi para Florestan tão-somente uma das três vertentes confluentes do método sociológico. O marxismo teve para ele a significação singular e única de indicador dos temas de pesquisa, de crivo inicial das opções de investigação. Na condição de líder de uma escola de pensamento social, sua orientação se imprimiu na atividade de vários dos mais destacados sociólogos brasileiros. O próprio Florestan produziu trabalhos de grande envergadura sobre as questões em cuja priorização teve influência decisiva sua formação marxista. Questões como as de segmentos discriminados da sociedade brasileira, ou seja, os índios e os negros. Ou questões de relevância abrangente para o entendimento de nossa história e

da nossa vida social, como as da revolução burguesa, das classes sociais e do poder político num país dependente, do imperialismo e do desenvolvimento econômico numa situação de atraso histórico, da ditadura militar e da reconstrução democrática numa sociedade impregnada pela tradição autoritária das classes dominantes.

O mais notável foi, todavia, que Florestan houvesse acentuado sua orientação marxista neste final do nosso século XX abreviado, precisamente quando ruíram o Muro de Berlim e os regimes comunistas do Leste europeu.

Sua convicção socialista se fortaleceu precisamente no momento em que passou a lavrar confusão tremenda na esquerda mundial (ainda persistente), induzindo reações de ceticismo, de desânimo e, não raro, de mudança de campo ideológico. Já afetado pela enfermidade que lhe havia de ser fatal, o professor universitário se dedicou inteiramente à militância política, colocando seu prestígio e fazendo ouvir sua voz a favor dos oprimidos, daqueles que caracterizava como os "de baixo". No parlamento, nas instâncias do partido ao qual se filiou, nos sindicatos e nas escolas, na coluna de jornal, envolveu-se por inteiro na luta de classes e deixou uma lição de agudeza intelectual, de firmeza política e de integridade moral.

Jacob Gorender é historiador, professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP.

*O marxismo não foi para
Florestan tão-somente uma das
três vertentes confluentes do
método sociológico. O
marxismo teve para ele a
significação singular e única de
indicador dos temas de
pesquisa, de crivo inicial das
opções de investigação.*

FLORESTAN FERNANDES E O SOCIALISMO

Oswaldo Coggiola

Um dos conceitos preferidos e mais reiteradamente utilizados por Florestan Fernandes, quer na sua obra sociológica, quer naquela propriamente política, era o de "desenvolvimento desigual e combinado". Ele está presente na maioria de seus escritos de fôlego, às vezes explicitamente, e às vezes de modo implícito, como no primeiro parágrafo da sua contribuição na famosa coletânea sobre o Brasil, publicada em *Les Temps Modernes* em 1967: "Brasil vive, simultaneamente, em várias idades histórico-sociais. Presente, passado e futuro se entrecruzam e confundem, de tal modo que é possível passar de um estágio histórico para outro através do meio mais simples: o do deslocamento no espaço".

Florestan e o PSR

Não é em absoluto irônico que, na hora da sua morte e do balanço apressado da sua obra e do seu significado para o Brasil, o próprio Florestan fosse considerado como uma expressão dessa "lei", ao ser qualificado como "um dos demiurgos do Brasil moderno", e como o mais irredutivelmente socialista dos seus intelectuais, ou seja,

como portador simultâneo ("combinado") da "modernidade" (burguesa) e da sua negação socialista. Se, por um lado, temos aqui o nó da contradição à qual viu-se confrontado, ao longo de toda a sua trajetória, aquele que não poucos consideram o maior intelectual brasileiro do século, temos também, por outro lado, uma das chaves para entender a relação entre o pensamento de Florestan e a luta pelo socialismo no Brasil.

O conceito citado anteriormente pertence ao arsenal do pensamento de Trótski, e a própria relação de Florestan com o socialismo só se deixa entender pela sua militância inicial (isto é, que precedeu à sua trajetória acadêmica) nos anos 40, no Partido Socialista Revolucionário, seção brasileira da IV Internacional fundada por Leon Trótski em 1938, liderada por Herminio Sacchetta até a sua dissolução, no início dos anos 50.

Embora o PSR nunca atingisse uma estatura político-organizativa realmente partidária, a militância nele marcou Florestan de um modo em absoluto superficial. Ele próprio se referiu verbalmente ao assunto, em palestra num curso de pós-graduação ministrado por Carlos Guilherme Mota, no Departamento de História da USP, no segundo semes-

tre de 1981, quando relatou a "crise de consciência" que lhe provocou a sua saída do PSR no início dos anos 50, para cumprir com obrigações decorrentes da carreira acadêmica, então nos seus primórdios (manifestou também o seu agradecimento retroativo ao apoio que Antonio Candido lhe dera na ocasião). Em 1986, agora por escrito, voltou a adotar o tom confessional para referir-se a essa transição decisiva, que o marcaria para o restante da sua existência:

"Passado o período de militância, defrontei-me com uma acomodação improdutiva: ou ser militante, com o sacrifício de minhas possibilidades intelectuais, ou ser universitário, com atividades políticas de fachada, mistificadoras. Uma tormentosa crise foi resolvida com a generosidade dos companheiros políticos, que viam claro a realidade: a esquerda ainda não possuía partidos que pudessem aproveitar o intelectual rebelde de forma produtiva para o pensamento político revolucionário. Por sua vez, Antonio Candido ajudou-me a conviver com feridas e frustrações, que sugiam como um pesadelo e me levaram a sublimar a castração política parcial com uma prática exigente e (acredito) autopunitiva do significado da responsabilidade do intelectual".

O "intelectual inorgânico"

Em 1981 ainda, Florestan explicou que, superado o dilema inicial, e já de retorno de uma experiência acadêmica no exterior, defrontou-se com a inexistência no Brasil de um partido de esquerda ao qual pudesse servir de "intelectual orgânico", fora do próprio PCB (do qual rejeitava a sua natureza stalinista). Os depoimentos de contemporâneos e a pesquisa deveriam, hoje, ajudar a reconstituir a passagem de Florestan pelo PSR, que teve para ele pelo menos tanta importância, na sua opção político-intelectual ulterior, quanto a sua origem social na classe operária, filho de uma lavadeira portuguesa e obrigado a trabalhar desde criança. A militância no PSR durou uma década (desde 1942-3 até 1952), também os anos de formação do Florestan intelectual e acadêmico (que lecionou na Faculdade de Filosofia a partir de 1945). Em 1991, Florestan voltou sobre esse período, em depoimento a *Teoria & Debate*:

"Comecei a freqüentar as redações de *O Estado de S. Paulo*, e principalmente da *Folha da Manhã*, onde conheci o Hermínio Sacchetta, que era líder do movimento trotskista, ligado à IV Internacional. Assim, em 43 me tornei militante do Partido Socialista Revolucionário na célula a que pertenciam o Sacchetta, Rocha Barros, Plínio Gomes de Mello, Vítor de Azevedo e José Stacchini... Os comunistas levavam as pessoas para reuniões, festas, conferências, mas havia um elemento autoritário que eu repelia. Com a filiação ao PSR, a seção brasileira da IV Internacional, minha militância se tornou sistemática. Nessa época, fiz a tradução da *Crítica da economia política*, de Marx... (no PSR) Eu me mantive até o início dos anos 50. Aí os

próprios companheiros acharam que não seria conveniente que eu desperdiçasse o tempo em um movimento de pequeno alcance, quando podia me dedicar a trabalhos de maior envergadura na universidade. O Sacchetta, que era um homem esclarecido, me aconselhou: "É melhor você se afastar da organização e se dedicar à universidade, que vai ser mais importante para nós".

A partir daí, teria início o dilema que preocupou e, visivelmente (pela freqüência com que apa-

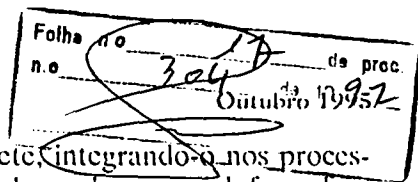
Florestan defrontou-se com uma tarefa tríplice: fundar uma sociologia científica no Brasil; fazê-lo com base no desenvolvimento do pensamento marxista e fazer ambas as coisas combatendo o dogmatismo, de cunho stalinista, perigo inevitável diante da preponderância do PCB na intelectualidade de esquerda brasileira.

rece nos seus trabalhos e depoimentos), até atormentou Florestan Fernandes, durante toda a sua existência: o da unidade entre teoria e prática, sob o ângulo de um intelectual, ou seja, não apenas o do "engajamento" político-social, mas também o da perspectiva teórica a ser adotada no trabalho intelectual, e a vinculação deste com o desenvolvimento histórico real. São constantes as suas referências a uma situação histórica que, nas suas próprias palavras, "arranca o sociólogo do ga-

binete, integrando-o nos processos de mudança social, fazendo-o sentir-se como alguém que possui o que dizer e que, eventualmente, poderá ser ouvido... A sociedade, que não lhe pode conferir sossego e segurança, coloca-o numa posição que o projeta no âmago dos grandes processos históricos em efervescência".

Florestan defrontou-se com uma tarefa tríplice: 1) fundar uma sociologia científica no Brasil; 2) fazê-lo com base no desenvolvimento do pensamento marxista; 3) fazer ambas as coisas combatendo o dogmatismo, de cunho stalinista, perigo inevitável diante da preponderância do PCB na intelectualidade de esquerda brasileira. Levou-a ele adiante caindo numa espécie de ecletismo teórico, como parece sugerir Carlos Guilherme Mota? Ou a sua vinculação com as "ciências sociais" obedeceu ao padrão definido pelo sociólogo (e, então, também trotskista) Pierre Fougereyrollas: "A pretensa conciliação entre ciências sociais e marxismo é comparável ao casamento da água com o fogo, cujo resultado só poderia ser a extinção do fogo. Entre a ideologia das ciências sociais e o marxismo é preciso escolher. Escolhendo o marxismo, é possível integrar os saberes fragmentários fornecidos pelas ciências sociais. Escolhendo as ciências sociais como tais, é completamente impossível integrar o marxismo".

Florestan foi sempre consciente da separação total entre a sociologia marxista e a não-marxista, partidário declarado da primeira, o que lhe forneceu o conceito-chave para a sua análise diferenciada da "revolução burguesa no Brasil", definido nestes termos: "Fora da sociologia marxista prevalece o intento de explicar a revolução burguesa somente pelo passado (especialmente pela vitória sobre uma aristocracia deca-



dente e reacionária, variavelmente anticapitalista), ignorando-se ou esquecendo-se a outra face da moeda, com frequência mais decisiva: a imposição da dominação burguesa à classe operária".

Sociologia e política

Não parece, portanto, que tenha estado entre as suas intenções a elaboração de uma "síntese original" entre "Wright Mills, Thorstein Veblen, Max Weber, Karl Mannheim e Karl Marx" para analisar o Brasil, como afirma Emília Viotti da Costa, embora ela acerte em situar o dilema central de Florestan e seu contexto histórico-social:

"Como conciliar rigor acadêmico e militância política é uma questão que tem atormentado, senão mesmo paralisado, muitos intelectuais do nosso tempo. São poucos os que, como Florestan Fernandes, conseguiram satisfazer as demandas, por vezes contraditórias, desses dois tipos de envolvimento. A maioria acabou por sucumbir ao desafio, ou abandonou o trabalho intelectual para dedicar-se à política, ou sacrificou a militância às exigências da academia. Esse dilema é peculiar ao nosso tempo, quando o intelectual se profissionalizou e suas atividades como professor, pesquisador e escritor tornaram-se cada vez mais absorventes, em detrimento do engajamento político".

A tarefa múltipla

Vejamos mais de perto a triplíce tarefa com que se defrontou a obra de Florestan. De um lado, ele é legitimamente considerado como o principal introdutor da "sociologia moderna" no Brasil. No entanto, ele não se fazia ilusões sobre essa sociologia, cujas origens históricas na crise do capitalismo e da necessidade desse sistema de adequar-se a ela, ele sabia reconhecer: "A so-

ciologia nasceu da crise do sistema capitalista moderno, no século XIX, como um conjunto de preocupações que apanham a mudança. Trata-se de um sistema de civilização que necessita da mudança para se manter em equilíbrio. O essencial é partir da idéia de sociedades que mudam, que, quando não se transformam, se enfraquecem". Florestan nada teria oposto à conhecida definição de Anísio Teixeira: "Em rigor, as ciências sociais são ciências políticas, só podendo ser aplicadas quando forem aceitas

*De um lado, ele
(Florestan) é
legitimamente
considerado como o
principal introdutor
da "sociologia
moderna" no Brasil.
No entanto, ele não se
fazia ilusões sobre
essa sociologia.*

politicamente, ou seja, quando aceitas pela estrutura do poder".

Isto significa uma tarefa dupla, ou um desdobramento necessário da tarefa inicial: induzir, junto à necessária introdução da "modernidade sociológica" (sem a qual o pensamento brasileiro ficaria atrelado ao padrão tradicionalista), a sua própria crítica. Esta provinha, simultaneamente, de um campo exterior à sociologia acadêmica (o marxismo, que em Florestan precedeu à sociologia) e de um campo interior, como manifestação da autoconsciência da crise sociológica, tal como foi sintetizado pelo seu discípulo Octávio Ianni: "Estamos assistindo

à decadência da "imaginação sociológica". Com a implantação e expansão da divisão do trabalho no campo das ciências humanas, com a institucionalização dessa atividade científica, com a redefinição social dos significados políticos do conhecimento relativo ao social, abandonam-se paulatinamente as possibilidades abertas pelos pioneiros das ciências humanas. Em especial, procura-se abandonar a problemática dos clássicos e a compreensão básica dos tipos de vinculação dos homens entre si e com as configurações histórico-estruturais".

A possibilidade de sair dessa ambigüidade situacional estaria dada pela prática do que um analista da obra de Florestan definiu como "saber militante"; ou seja, através de uma "sociologia engajada", cujo padrão básico fora definido por T. B. Bottomore em 1974: "O teste básico de qualquer 'teoria crítica' ou 'sociologia de oposição' só pode ser o desenvolvimento ou o fracasso em desenvolver movimentos sociais de ampla escala, que busquem criar, e comecem a fazê-lo na prática, uma forma de vida social igualitária, não coercitiva. Neste meio-tempo a teoria permanece hipotética. O que justifica a sua existência atualmente e torna tal investigação teórica válida é a potencialidade que se manifestou no movimento operário e nos novos movimentos sociais da década passada no sentido de uma atividade renovada para transformar a sociedade".

Num escrito de 1967, Florestan nomeava esperançosamente os potenciais membros da "escola" para a qual se considerava "fio condutor": "Servi como uma espécie de fio condutor, ligando hipóteses e conclusões fundamentadas em várias investigações, realizadas por mim ou por Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Luiz Pereira, Marialice Mencarini Foracchi, Paulo Singer, Juarez Brandão Lopes,

Leôncio Martins Rodrigues Netto, Maria Sylvia Carvalho Franco Moreira, Roberto Cardoso de Oliveira, José Carlos Pereira, José de Souza Martins, José Cesar Aprilanti Gnaccarini, Gabriel Cohn e vários outros colegas (alguns de outras cadeiras, como Francisco C. Weffort, Fernando Novaes, Emília Viotti da Costa, Nícia Vilela Luz, Gioconda Mussolini, Eunice Ribeiro Durhan etc.) É provável que, no futuro, se possa ir mais longe, corrigindo-se as lacunas do esquema de referência que tentei construir sobre fundamentos ainda relativamente precários".

Como é bem sabido, as identidades políticas construídas pelos membros desse grupo foram as mais diversas, sendo as mais notórias (a começar pelo próprio FHC) diametralmente opostas aos anseios políticos de Florestan. Como quer que seja, nos anos seguintes Florestan seria muito otimista quanto ao futuro rumo político da *intelligentsia* latino-americana e brasileira, em especial sob a influência da revolução cubana, que teria dado "alento às correntes sociais que não se empenhavam, apenas, em combater 'os problemas humanos do subdesenvolvimento', mas em corrigir, simultaneamente, os dilemas materiais e morais da ordem social capitalista; e compeliu os 'círculos de esquerda', de diversos matizes, a reverem e a modificarem a estratégia anterior, de contenção do radicalismo político e de apoio decidido a um nacionalismo econômico desproporcionalmente benéfico aos interesses empresariais".

Nesse quadro, e contra o pano-de-fundo das ditaduras militares, um importante papel histórico estava reservado aos intelectuais. Sobre esse papel potencial, Florestan se expressou em termos claramente otimistas: "As ditaduras militares atuais e seus possíveis sucedâneos não podem evitar um colapso futuro (que poderia

ser evitado unicamente se uma revolução burguesa autônoma ocorresse, como sucedeu nos Estados Unidos e no Japão). A consciência política de tal situação histórica não foi alcançada por todos os intelectuais. No entanto, os círculos intelectuais mais maduros e resolutos da *intelligentsia* latino-americana estão aprendendo, através de experiências concretas. De um lado, estão descobrindo os meios potenciais da revolução socialista na América Latina (tão diversos dos modelos 'clássicos' já conhecidos). Por outro lado, estão acumulando novos conhecimentos sobre a estrutura e a dinâmica do sistema de classe sob o capitalismo dependente, ou seja, conhecimentos que constituirão a base para uma teoria viável da revolução socialista na América Latina".

Intelectuais e socialismo

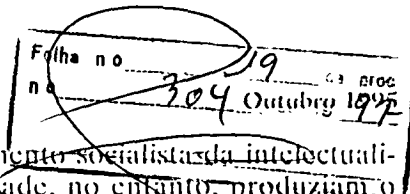
Uma década depois, Florestan constatava que o colapso das ditaduras não realizava essas previsões, muito especialmente no que diz respeito à inevitável radicalização política da *intelligentsia*. Ele atribuiu às mudanças estruturais do capitalismo a raiz desse processo: "No presente, o capitalismo oligopolista vinculado à automatização e à administração informatizada aumentou, sob esse aspecto, o espaço da classe dominante e reduziu drasticamente a capacidade de iniciativa dos de baixo".

Por outro lado, deve-se constatar que as condições de miséria social que, no seu momento, precederam o surgimento da "sociologia crítica" não fizeram senão piorar. Essas mesmas condições, combinadas com a crise política das ditaduras (o seu "colapso"), foram palco do nascimento de movimentos inéditos dos trabalhadores, pela sua amplitude e profundidade, que propiciaram, por exemplo, no Brasil, o surgimento da CUT e do PT. As condições objetivas e subjetivas que deveriam favorecer um engaja-

mento socialista da intelectualidade, no entanto, produziam o efeito contrário. Florestan constatou claramente: "Muitos intelectuais e políticos da 'esquerda' - antigas vítimas da ditadura, lutadores de proa da década de sessenta ou no início dos setenta e grandes esperanças do radicalismo democrático e do socialismo - aderiram a esse jogo, sem rebuços. O mesmo acontece com organizações e entidades políticas que deveriam ser proletárias e se mostram 'aliancistas'. Ao que parece, o desenraizamento não chegou tão fundo a ponto de desprender os intelectuais rebeldes, os políticos inconformistas e as organizações e entidades revolucionárias da ordem burguesa, identificando-os com o socialismo proletário. Conformam-se aos papéis de campeões da 'normalidade institucional', como cauda do movimento político conservador, cérebros do 'mudancismo' e mão civil da transição lenta e segura..."

A perspectiva teórica de Florestan se modificava no confronto com o desenvolvimento histórico e a luta de classes. Não foi casual que, no 50º aniversário da morte de Leão Trótski, não vacilasse em repor claramente "o conceito de revolução permanente de Marx e Engels em uma perspectiva simultaneamente teórica e prática, indo ao fundo dos dinamismos coletivos das classes despossuídas na impulsão e na fusão dialética de reforma e revolução sociais", fazendo desta reposição a base para ser "implacável com os 'fariseus' que se proclamam socialistas ou ex-marxistas, mas cerram fileiras com as correntes intelectuais da moda a partir dos centros de produção cultural e de propaganda das nações capitalistas centrais. A democracia que nasce do marxismo nada tem a ver com a democracia plutocrática".

Com toda essa bagagem, Florestan estava mais do que preparado para denunciar o novo alibi



ideológico do reformismo e do farsaísmo, posicionando-se, nas polémicas ideológicas mais recentes, contra a possibilidade de que "o socialismo desapareça e que o marxismo se torne uma peça de museu, tema de mera reflexão abstrata de historiadores, filósofos e cientistas sociais. Ora, o que é questionável é a existência de um 'neoliberalismo'. Harold Laski já demonstrou que o liberalismo não sobreviveu à transformação histórica das condições que o engendraram. Hoje, sua argumentação encontra suporte ainda mais sério. Que 'neoliberalismo' poderia ajustar-se ao desenvolvimento das multinacionais, à internacionalização do modo de produção capitalista em seu modelo oligopolista e ao sistema de poder que resultou dessas metamorfoses do capital?"

Florestan no PT

De tudo que antecede, se depreende que Florestan não se incorporou acriticamente ao Partido dos Trabalhadores, sendo seu deputado federal mais votado (depois de Lula) em 1987, exercendo duas vezes esse mandato. No mesmo momento, denunciava que "o socialismo comprometido com a democracia burguesa ainda é uma forma de reprodução do sistema capitalista de poder. A revolução proletária volta-se para a emancipação coletiva dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores. Ou o PT decifra a solução correta dessa necessidade histórica na cena brasileira ou ele engrossará as fileiras dos partidos reformistas imantados à 'reforma capitalista do capitalismo', ao 'capitalismo melhorado' ou ao 'capitalismo do bem-estar social'. Penso ser esta a principal resposta às indagações, às esperanças e às convicções que nos lançam, dentro do PT, à luta pelo socialismo proletário e revolucionário".

Há mais de uma década, Florestan Fernandes foi pela primeira vez vítima do colapso do sistema brasileiro de saúde pública, quando, depois de uma operação sem riscos, recebeu uma transfusão de sangue contaminado pelo vírus da hepatite B. A partir desse momento, começou a sofrer sistemáticos problemas de saúde, originados do fígado, que o levaram nos últimos tempos à beira da morte. Os sistemas de detecção do vírus da hepatite B já eram bem conhecidos na época da transfusão, mas não eram aplicados no sistema de saúde pública; isto em plena época do "milagre brasileiro".

Desde então, a situação piorou, chegando aos níveis do paroxismo, levando a saúde pública brasileira a ostentar índices situados entre os piores do mundo,

Florestan não se incorporou acriticamente ao Partido dos Trabalhadores ... denunciava que "o socialismo comprometido com a democracia burguesa ainda é uma forma de reprodução do sistema capitalista de poder..."

começando por uma epidemia sistemática de "infecções hospitalares", que levaram milhares de pacientes à morte como consequência de coisas tão simples quanto uma operação de apendicite. É óbvio que se tratou de uma política consciente de destruição da saúde pública, ao serviço da privatização da saúde, que assistiu à constituição de enormes monopólios de mercados do corpo (cuas empresas não pagam impostos por serem "serviços de interesse geral")!

Florestan Fernandes sempre recusou qualquer privilégio deri-

vado da sua condição de figura pública e deputado (como o famoso expediente de "furar a fila" dos transplantes) e exigiu ser tratado pelo sistema de saúde pública, como exemplo de luta para a sua defesa. Recentemente, inclusive, recusou a oferta que lhe fizera Fernando Henrique Cardoso, seu antigo aluno e discípulo, para um tratamento *vip* no exterior, sem gastos de sua parte.

A discussão que sua morte desata será uma ocasião para denunciar a destruição do sistema de saúde pública, a serviço dos grupos capitalistas. "Erro médico" ou "falha de máquina": até um néscio sabe que quanto pior o funcionamento dos instrumentos e equipamentos (por falta de manutenção) maiores são as chances de erro humano. A atitude valente de Florestan deve ter a merecida resposta dos combatentes que permanecem.

A denúncia do segundo assassinato de Florestan Fernandes deve ser uma plataforma em defesa da saúde e da educação públicas, contra os monopólios capitalistas, contra o imperialismo espoliador do Brasil, contra o governo que impulsiona a política que acelerou a morte do mestre do próprio presidente da República.

Como disse um sindicalista, nem na hora da morte Florestan deixou em paz os inimigos da classe trabalhadora. Ficam conosco o exemplo de uma vida e a fecundidade de uma obra que florescerão nas novas gerações de revolucionários do Brasil e da América Latina, junto aos quais permanecerá como um fermento de revolta e de pensamento crítico, em todas as circunstâncias, para sempre, Florestan Fernandes.

Oswaldo Coggiola é professor do Departamento de História da USP e vice-presidente da Adusp.

ÁLBUM

Outubro 1995
Folha no 21 de proc.
no 304 de 1997

Fotos do arquivo da família



Em 1925, aos 5 anos, Florestan Fernandes numa de suas primeiras fotografias. À direita, em 1934, com sua mãe, Dona Maria Fernandes.



Acima, em 1926 (sentado na segunda fila, o terceiro da esquerda para a direita), com a turma do primário do Grupo Escolar Maria José. Em São João da Boa Vista, Florestan, o segundo da direita para a esquerda, com os companheiros de Madureza.





Em 1936, no Tiro de Guerra e, em 1944, com um grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na divisa do Brasil com o Paraguai.



Na Feira Nacional da Indústria (São Paulo, 1940), Florestan com sua futura esposa, Dona Myrian Rodrigues. Em 1963, com o filho Júnior, na Alameda Jaú.





Durante o primeiro comício da Campanha das Diretas (novembro de 1983/ Praça Charles Müller), Florestan com o filho, Caio Prado Jr. e o publicitário Carlito Maia.



Ao lado, na primeira reunião da campanha eleitoral (1986) e, abaixo, com Antonio Candido e Aziz Ab'Saber, em 1994, na USP, durante o lançamento do livro "13 razões para votar em Lula".



Homenagens

Intelectual coerente

Florestan Fernandes foi um sociólogo coerente com as suas origens populares, de alfaiate, garçom e engraxate. Como intelectual, cumpriu rigorosamente o sentido da palavra "intus-legeris", ou seja, aquele que é capaz de ler por dentro. Toda metodologia que ele adotou na sua sociologia é aquela que nos explica melhor as causas dos problemas e dos fenômenos sociais. Por outro lado, um homem coerente com os seus princípios. Não era daquele que trocava de convicção e de ideologia como quem troca de camisa. Uma pessoa coerente no sentido de que a razão pela qual ele tanto se dedicou à militância e ao trabalho intelectual não só continua a existir, como cresce diariamente, que é a pobreza no mundo e, em especial, no Brasil. Então, nesse sentido, o legado que ele nos deixa é prosseguir nessa luta para superar esse estado de desumanidade da maioria da população. Destaco o tra-

Romaldo Fentler



balho que ele teve como deputado, já que era um excelente e dedicado parlamentar. A participação dele, sobretudo na elaboração da Constituição, foi fundamental para assegurar alguns direitos sociais.

Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto) é escritor, autor de *O paraíso perdido - nos bastidores do socialismo*.

Palavra de despedida

Foi-me pedido que falasse em nome da Congregação, dos professores, dos funcionários, dos alunos e dos ex-alunos da Faculdade de Filosofia; que pronunciasse, neste momento, a palavra pequena e pobre da hora solene da despedida, hora do silêncio e do pranto.

Difícil palavra porque nos despedimos de alguém que permanece e permanecerá. Em primeiro lugar, palavra de gratidão à Dona Myriam, aos filhos e parentes do professor Florestan Fernandes por terem compartilhado conosco, seus alunos e colegas, o privilégio de com ele conviver e de com ele aprender. Que seja também palavra de apoio e de amizade de todos nós que nele tínhamos o mestre, o amigo e companheiro.

É que seja também uma palavra aos alunos, aos jovens estudantes, que não tiveram o grande privilégio de acompanhar suas aulas, de ouvir suas lições de professor competente e exigente, apaixonado pela causa do ensino e da ciência.

Mesmo do exílio seus alunos e ex-alunos recebiam comentá-

rios longos e cuidadosos, escritos com tinta roxa, sobre os trabalhos que lhe mandavam. O argumento sempre lúcido do amigo que era, do professor que nunca deixou de sê-lo.

Através da obra extensa e rigorosa, o professor continuará ensinando - ensinando a decifrar os enigmas desta complexa sociedade, a entender o nosso povo e o nosso país, a encontrar caminhos e veredas.

O seu legado não se esgota aí, porque ele foi também mestre de vida, de luta contra injustiças, de resistência ao que pudesse arranhar até mesmo os direitos de seus adversários, de empenho obstinado em favor dos direitos dos que, como ele e muitos de nós, vieram dos recantos escuros da sociedade.

O professor Florestan Fernandes nos deixa um imenso legado. Não só legado à universidade e à ciência. Mas ao nosso país, ao qual ofereceu completamente, sem amargura, em retribuição generosa, o que de melhor a vida lhe deu. Tudo retribuiu multiplicado e com grandeza.

Nesse imenso legado a seus alunos e a todos nós, o maior, certamente, é o legado da alegria de lutar pela grande causa da emancipação do homem de todas as carências e de todos os cativos - aqueles que se pode ver e os que não se deixam ver, mas oprimem e humilham.

Palavras pronunciadas no velório do professor Florestan Fernandes, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no dia 10 de agosto de 1995, pelo professor José de Souza Martins, antigo aluno e assistente do professor Florestan Fernandes na cadeira de Sociologia I.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha nº

25

do processo nº 304 de 19 97 18 04 97 (a)

Sr. Assessor Chefe:

Sobre o assunto consta,
PL. 826/95

em 18.04.97

MARCELO MONTEIRO FORTA
Ass. Parlamentar

A Com. de Const. e Justiça

24/09/97

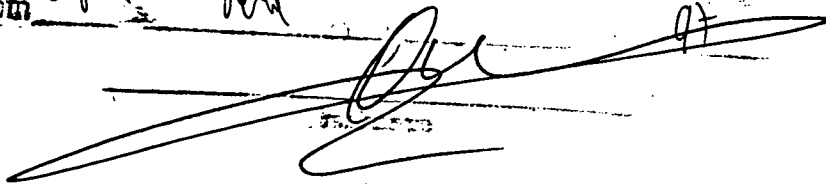
LUIZ ARETAS DE CARVALHO
Ass. Tecn. Leg. Chefe - A. T. M.

Recebido na Comissão de
Constituinte e Legislação
Em 28/04/97 às 12h00.

W

ORLANDO KOCI MENDES
AUXILIAR LEGISLATIVO

Ao Sr. Deputado MARIA HELENA
para fazer

em 28 de Abril de 1997


A ATM, A PEDIDO.
06106197


Marlene S. de Oliveira
Secretária

SEGUE juntado nesta data, documento e papel para informação, rubricado

sob folha nº

Em/...../.....

(a)



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 26 do proc. 29
n.º 304 de 19 97

PARECER CONJUNTO DAS COMISSÕES REUNIDAS DE JUSTIÇA, EDUCAÇÃO E FINANÇAS E ORÇAMENTO SOBRE O PL. 304/97.-----

De autoria dos Vereadores Edivaldo Estima e Vicente Viscome, o presente projeto objetiva denominar "Florestan Fernandes" à Escola Municipal de 1º Grau do Jardim Guanabara.

A matéria ampara-se no art. 13, inciso I da LOM. Pela legalidade.

Quanto ao mérito nada a opor por se tratar de homenagem à uma figura de relêvo da Sociologia e Política do país.

Quanto ao aspecto financeiro nada a opor diante do disposto no art. 2º do projeto, pelo qual as despesas correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Favorável, portanto, é o nosso parecer.

Sala das Comissões Reunidas, em

CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

MUTRAN.
M. HELENA
B. FEDER.
A. TATTO.
ESTIMA.
CURIATI.
M. ALI
MENTOR
NOMURA.

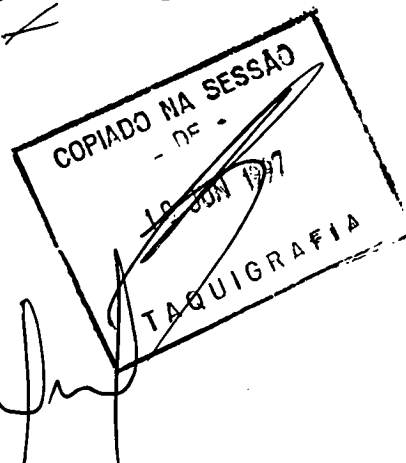
Salim

EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES

Cosme
Pierre
Polassuono
Uoti
Izar
Ana Maria
Italo

FINANÇAS E ORÇAMENTO

Dito Salim
Lidia Correa
Zé Indio
V. Viscome
H. Gharib
José Eduardo
Natalicio
H. Pacheco
Dalton Silvano



SBC. -



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
— TAQUIGRAFIA —

Folha n.º	27	do proc.
	304	do 1997

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
31	3	Paula	19ª SE	04.06.97		
OPERADOR		REVISOR			CADERNO	
					DISK	

* * *

- FL 304/97, do Vereador Edivaldo Estima (PPB). Confere a EMFG no Jardim Guanabara a denominação Escola Municipal de 1ª Grau "Professor Florestan Fernandes". Fase da discussão: 1ª. Aprovação mediante voto favorável da maioria absoluta dos membros da Câmara.

* * *



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
—TAQUIGRAFIA—

Folha n.º	28	do proc.
n.º	304	de 1997
ORADOR	CONT. APARTE	

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
31	4	Paula	19ª SE	04.06.97		
OPERADOR		REVISOR			CADERNO	
					DISK	

O SR. PRESIDENTE (Nelo Rodolfo - PPB) - Não há oradores inscritos; está encerrada a discussão. A votos. Os Srs. Vereadores favoráveis permaneçam como estão; os contrários ou aqueles que desejarem verificação nominal de votação, manifestem-se agora. (Pausa).
Está aprovado.

Passemos ao item seguinte.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
-TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 29 do proc.
n.º 304 de 19 97
AB
CONT. APART.

RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APART.
7	3	Denise	21ª Extra	10.6.97		
OPERADOR		REVISOR			CADERNO	
					DISK	

ITEM 13 - PL 304/97, do Vereador Edivaldo Estima (PPB)

Confere a EMFG do Jardim Guanabara a denominação Escola Municipal de

1º Grau "Professor Florestan Fernandes".

Fase da discussão: 2ª.

Aprovação mediante voto favorável da maioria absoluta
dos membros da Câmara.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
-TAQUIGRAFIA -

Folha n.º 30 do proc.
n.º 304 de 1987



RODÍZIO	FOLHA	TAQUIGRAFO	SESSÃO	DATA	ORADOR	CONT. APARTE
7	4	Denise	21ª Extra	10.6.97		
OPERADOR		REVISOR			CADERNO	
					DISK	

O SR. PRESIDENTE (Nelo Rodolfo - PPB) - Não há ora-
dores inscritos ; está encerrada a discussão. A votos. Os Srs.
Vereadores favoráveis permaneçam como estão; os contrários ou aque-
les que desejarem verificação nominal de votação, manifestem-se agora.
(Pausa).

Está' aprovado. Vai à sanção.

Passemos ao item seguinte. (15)



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

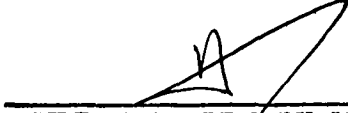
Papel para informação, rubricado como folha nº 31

do processo nº 304 de 1997 11.06.97 (a) [assinatura]

À LEG. 3 - Sra. Chefe:

O presente projeto foi aprovado em 2a. discussão e votação na 21ª Sessão Extraordinária de 10 de junho do corrente, estando em condições de ser enviado à sanção.

11.06.97


LUIZ AREIAS DE CARVALHO
Assessor Técnico Leg. Chefe-
A. T. M.

RECEBIDO EM LEG. 3

21

6

1997

[assinatura]

Sra. Kathya,

Providenciar ofício encaminhando cópia autêntica
ao Executivo, preparar carta de lei e registro.

17, 06, 97

MARGARETE LOPES DA SILVA
Chefe de Seção Técnica III
Substituto

Sra. Chefe,

Providenciado conforme despacho de V.Sa..

17, 06, 97

KATHYA REGINA MORALES DE SOUZA
Assistente Parlamentar

SEGUE juntado 5 nesta data, documento 5 e papel para informação, rubricado ✓
sob folha 5 nº 32 a 36
Em 07 7 97
(a)



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 32 do proc
N.º 304 do 1997
O funcionário

São Paulo, 17 de junho de 1997.

18 - OF-LEG3
OFICIO N.0374/1997

Senhor Prefeito.

Encaminho a Vossa Excelência cópia autêntica da lei decretada pela Câmara em sessão de 10 de junho do corrente relativa ao Projeto de Lei nº 304/97, de autoria dos Vereadores Edivaldo Estima e Vicente Viscome - que confere à EMPG do Jardim Guanabara a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau "Professor Florestan Fernandes".

Valho-me da oportunidade para renovar a Vossa Excelência os meus protestos de elevado apreço e distinta consideração.


NELE RODOLFO
Presidente

A Sua Excelência o Senhor
Doutor Celso Roberto Pitta
Digníssimo Prefeito do Município de São Paulo.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 23 do proc
N.º 304 de 1997
funcionário

18 - OF-LEG3
OFICIO N.º 374/1997

-----Cópia autêntica. LEI DECRETADA NA SESSÃO DE 10 DE JUNHO DE 1997. Cópia extraída de fls. nº 01 do Processo. (PROJETO DE LEI Nº 304/97). Confere à EMPG do Jardim Guanabara a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau "Professor Florestan Fernandes". A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO decreta: Art. 1º - A EMPG do Jardim Guanabara, subordinada à DREM 6, situada na Avenida Marguerite Long, s/nº, passa a ter a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau "Florestan Fernandes". Art. 2º - As despesas decorrentes da execução da presente lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário. Art. 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Eu, ORLANDO KOCIWENDT, Oficial Legislativo, padrão "QPA-9-A" extraí a presente cópia fielmente de fls. do livro competente nº 49 e digitei. Eu, José Cristina Souza Santos, Oficial Legislativo, padrão "QPA-9-B" a conferi. São Paulo, 11 de junho de 1997. Chefe da Seção Técnica de Preparo e Registro de Documentos Legislativos, MARGARETE PINES DA SILVA, Substituto. Visto, ANGELA BOZZE ANDREONI, Diretora do Departamento dos Serviços Legislativos da Câmara Municipal de São Paulo.

Nelo Rodolfo
Milton Leite da Silva
Vicente Viscome
Henrique Pacheco
Antonio de Paiva Monteiro Filho
Antonio Goulart
Carlos Neder

M✓



Folha n.º	34	do proc
N.º	304	de 1997
funcionário		

Câmara Municipal de São Paulo

LEI Nº 12.409 DE 03 DE JULHO DE 1997.

Confere à EMPG do Jardim Guanabara a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau "Professor Florestan Fernandes".

Faço saber que a Câmara, em sessão de 10 de junho de 1997, decretou a seguinte lei:

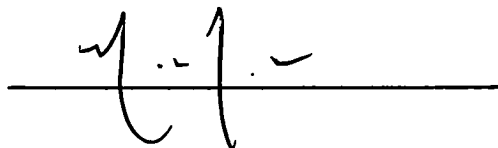
Art. 1º - A EMPG do Jardim Guanabara, subordinada à DREM 6, situada na Avenida Marguerite Long, s/nº, passa a ter a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau "Florestan Fernandes".

Art. 2º - As despesas decorrentes da execução da presente lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de São Paulo, 11 de junho de 1997.

O Presidente,





MEMORANDO

CÂMARA MUNICIPAL

Folha n.º <u>35</u>	do proc
N.º <u>304</u>	de <u>1997</u>
C funcionário	

São Paulo, 17 de Junho de 1997.

Recebi ofício DT.7/Leg.3 nº **374** , de
17/06/97 , encaminhando ao Executivo cópia autêntica de lei
decretada pela Câmara, relativa ao Projeto de Lei nº **304/97** ,
de autoria **dos Vereadores Edivaldo Estima e Vicente Viscome.**

Anexo:

RECEBI EM:
18/06/97

Elisabete Chagas
Oficial de Gabinete
SGM/ATL



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha nº 36

do processo nº 304 de 1997-07, 7, 97 (a)

LEI Nº 12.409, DE 3 DE JULHO DE 1997
(Projeto de Lei nº 304/97, do Vereador Vicente Viscome)

Confere à EMPC do Jardim Guanabara a denominação Escola de Primeiro Grau "Professor Florestan Fernandes".

CELSO PITTA, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei. Faz saber que a Câmara Municipal, em sessão de 10 de junho de 1997, decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - A EMPC do Jardim Guanabara, subordinada à DREM 6, situada na Avenida Marguerite Long, s/nº, passa a ter a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau "Florestan Fernandes".

Art. 2º - As despesas decorrentes da execução da presente lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 3 de julho de 1997, 444ª da fundação de São Paulo.

CELSO PITTA, PREFEITO

EDVALDO PEREIRA DE BRITO, Secretário dos Negócios Jurídicos

JOSÉ ANTONIO DE FREITAS, Secretário das Finanças

REGIS FERNANDES DE OLIVEIRA, Secretário Municipal de Educação

Publicada na Secretaria do Governo Municipal, em 3 de julho de 1997.

EDVALDO ALVES DA SILVA, Secretário do Governo Municipal

Publicado no DIÁRIO OFICIAL
de 04/07/97
pagina 02 coluna 02
Conferido:

RECEBIDO NO D.O.
DO MUNICÍPIO.
EM 09/07/97
PAG. 1º COL. 1º

À A.T.M. - Sr. Assessor Chefe,

Para as devidas providências,

01/01/98

MARGARETE LOPES DA SILVA
Chefe de Seção Técnica III
Substituto

AO DT. 94 - SRA. CHEFE:
ARQUIVAR O PRESENTE PROCESSO

28/07/97

LUIZ AREIAS DE CARVALHO
Ass. Técn. Leg. Chefe - A. T. M.

DEPARTAMENTO
DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMÁTICA
SEÇÃO TÉCNICA DE ARQUIVO

Proc. encerrado c/ # 36 # fls.

Arquivo em 10 ago 1997

O Func.º

LINA ANGELICA MARIA GUMAUSKAS
Documentalista

S E G U E juntado nesta data, documento e papel para informação, rubricado

sob folha nº

Em/...../.....

(a)